

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CENTRAL - CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

EDNA MELO SILVA MONTEIRO

**TRANSFORMAÇÕES DA COMUNICAÇÃO ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO (PB)**

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

EDNA MELO SILVA MONTEIRO

**TRANSFORMAÇÕES DA COMUNICAÇÃO ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO (PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à
Coordenação do Curso Jornalismo da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Rafael de Araújo Melo.

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M775t Monteiro, Edna Melo Silva.

Transformações da comunicação antes e depois da pandemia na Comunidade Quilombola Grilo (PB) [manuscrito] / Edna Melo Silva Monteiro. - 2024.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Rafael de Araújo Melo. ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Comunicação. 2. Pandemia Covid-19. 3. Comunidade Quilombola Grilo - PB. I. Título

21. ed. CDD 302.2

EDNA MELO SILVA MONTEIRO

TRANSFORMAÇÕES DA COMUNICAÇÃO ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO (PB)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso
Jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Estudos culturais.

Aprovada em: 21/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Rafael de Araújo Melo

Prof. Me. Rafael de Araújo Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ada Kesea Guedes Bezerra

Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rostand de A. Melo

Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Primeiramente agradeço a Deus pela finalização deste trabalho e por me sustentar até aqui. A nossa senhora Aparecida por tamanha intercessão durante todo o processo.

Agradeço em especial ao meu esposo Kennedy que esteve comigo do início ao fim. Que sem dúvidas foi um dos meus maiores incentivadores e que sempre me deu forças para finalizar e não desistir.

Aos meus pais que tanto amo, respeito e admiro, minha gratidão por tudo. Aos meus irmãos Aline e Edson que sempre estão comigo em todos os momentos. A minha avó Dona Matilde que sempre esteve presente em minha vida. Dedico esse trabalho em especial ao meu tio Expedito (Peda), a quem também sempre fez parte da minha vida.

Quero também agradecer aos amigos que fiz durante esses anos e principalmente ao nosso quarteto que foi construído nessa jornada. Maria Eduarda Carvalho, Brenda Lorrany e Osman Cabral. Amigos, vocês foram essenciais e fundamentais na conclusão do meu curso. Serei grata eternamente por todo incentivo e apoio em todos os momentos. Vocês estão em meu coração para sempre.

Agradeço aos professores que passaram em minha vida durante esses anos. Obrigada por toda dedicação, amor e inteligência transmitida. Agora um agradecimento especial ao meu orientador Rafael de Araújo Melo, por toda paciência, compreensão e disponibilidade para a finalização deste trabalho. Obrigada por ter aceitado ser meu orientador.

Agradeço a comunidade Quilombola Grilo por todo acolhimento e disponibilidade para contribuir nesse trabalho. Agradeço em especial a Leonilda Coelho (Paquinha) por sempre me receber bem e com muita felicidade.

Por fim, agradeço a todos que sempre estiveram comigo, aos amigos verdadeiros e familiares.

Fim de um ciclo para que se inicie outro. GRATIDÃO!!!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 COMUNICAÇÃO, PANDEMIA E QUILOMBO	7
2.1 TRANSFORMAÇÕES, PANDEMIA E INTERNET	7
2.2 COMUNIDADE E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA	8
2.3 COMUNICAÇÃO NOS QUILOMBOS	9
3 METODOLOGIA	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
4.1 QUILOMBO GRILO	12
4.2 TRANSFORMAÇÕES DA COMUNIDADE	15
5 CONCLUSÃO	15
6 REFERÊNCIAS	
7 ANEXOS	

TRANSFORMAÇÕES DA COMUNICAÇÃO ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO (PB)

Edna Melo Silva Monteiro¹

RESUMO

O presente trabalho desenvolveu uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório com abordagem qualitativa sobre as transformações da comunicação na comunidade quilombola Grilo, na Paraíba, tendo como marco divisor a pandemia da covid-19. O objetivo foi analisar que transformações foram provocadas pela pandemia nas formas de interação e comunicação oral e virtual da comunidade quilombola e, por consequência, identificar como se deram as formas dialógicas, interacionais e comunicativas antes e após a pandemia. Para tanto, nos debruçamos sobre a história do quilombo Grilo, em Riachão do Bacamarte (PB), a história da comunicação em quilombos brasileiros e os modelos e paradigmas de comunicação, online e presencial entre os membros do quilombo, comunicação comunitária e revoluções tecnológicas.

Palavras-chave: Quilombo; Comunicação; Pandemia; Transformação.

ABSTRACT

The present work developed descriptive and exploratory research with a qualitative approach on the transformations in communication in the Grilo quilombola community, in Paraíba, with the covid-19 pandemic as a watershed. The objective was to analyze what transformations were caused by the pandemic in the forms of interaction and oral and virtual communication of the quilombola community and, consequently, identify how dialogical, interactional and communicative forms took place before and after the pandemic. To this end, we looked into the history of the Grilo quilombo in Riachão do Bacamarte (PB), the history of communication in Brazilian quilombos and the models and paradigms of communication, online and in person, between quilombo members, community communication and technological revolutions.

Keywords: Quilombo; Communication; Pandemic; Transformation.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) a pandemia da Covid - 19 se iniciou no dia 30 de Janeiro de 2020, sendo declarada como um surto

¹ Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

do novo coronavírus, constituindo uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional e causando então o maior nível de alerta da Organização.

A comunicação é um eixo basilar da vida humana, sobre a qual se estruturam todas as relações e pela qual se dá o desenvolvimento humano, nos seus mais diversos aspectos. Conforme Marques de Melo (2017), a comunicação é desenvolvimento. Contudo, as formas comunicativas, as relações comunicacionais, as tecnologias e tecnicidades se configuram de formas diferentes em comunidades e contextos distintos.

Tendo isso em vista, há ainda mais peculiaridades quando observamos este fenômeno em comunidades como as quilombolas. Para além disto, a pandemia da Covid-19, provocada pelo vírus respiratório SARS-CoV2 que matou milhares de pessoas em todo o mundo, interferiu substancialmente no quesito comunicação em todas as esferas da vida humana.

Sendo o espaço do quilombo um ambiente *sui generis* para esta discussão. Na pandemia, as idiosincrasias dos quilombos frente aos processos comunicativos sofreram ainda mais impactos do que as comunidades urbanas, pós-modernas, com infraestrutura e comportamento globalizado.

Encaramos que este fenômeno pode ser ainda mais acentuado em comunidades quilombolas de áreas remotas, como no caso do agreste paraibano, no interior nordestino. Por este motivo e pela aproximação pessoal da pesquisadora deste trabalho, o presente estudo se debruça sobre a realidade da comunidade quilombola Grilo, no município de Riachão do Bacamarte, na Paraíba.

O objetivo central do estudo é analisar e estabelecer um panorama sobre como se deu a comunicação antes e depois da pandemia na comunidade quilombola Grilo. Os objetivos específicos são: avaliar a qualidade das ferramentas de comunicação da comunidade; analisar como funciona a comunicação interpessoal dela; investigar se a internet reconfigura as relações de comunicação; fazer um traçado histórico sobre a comunidade quilombola.

Para isso, abordamos tudo o que a comunidade enfrentou para vivenciar a nova forma de se comunicar na pandemia, fazendo essa análise e pesquisa do antes, durante e depois; buscando citar as maiores dificuldades, quais soluções foram estabelecidas e averiguando quais fenômenos aconteceram, seja na comunicação interpessoal, na conexão digital ou até mesmo nos aparelhos tecnológicos.

Desse modo, buscamos evidenciar essas dificuldades e melhorias que essa comunidade enfrentou e vem enfrentando para cada dia ter uma qualidade melhor na sua comunicação e na forma de se comunicar, alcançando seus objetivos, inspirando e motivando outras comunidades a buscarem essa mesma vertente. Tendo isso em vista, o referencial teórico do presente trabalho se debruça em conceitos de mídia comunitária popular e comunidade quilombola.

A proposta tem como aspecto positivo mostrar a mudança de qualidade na comunicação mediada pela internet na comunidade. O público interessado não é somente a comunidade negra quilombola, mas toda a sociedade; além de pesquisadores da área da história de comunidades quilombolas e profissionais e/ou pesquisadores da área de comunicação. Utilizamos autores como Raquel Paiva e

Bauman para explicar o conceito de comunidade e comunicação comunitária; Castells ao tratar de sociedade da informação e Caetano, Cardoso e Lopes para tratar de comunicação e quilombo.

2 COMUNICAÇÃO, PANDEMIA E QUILOMBO

2.1 TRANSFORMAÇÕES, PANDEMIA E INTERNET

As transformações tecnológicas estão se acentuando e revolucionando as formas de vivenciar o mundo, propiciadas pela qualidade da internet e dos aparelhos digitais e pela reconfiguração da sociedade digitalizada (Fausto Neto, 2007). Em poucas palavras, é possível definir transformação como mudança na forma que nos relacionamos, sendo ela rápida e com maior liquidez, e com o aumento da interconexão entre pessoas e culturas. Percebemos, portanto, que no período da pandemia essa transformação passou a ser bem maior.

No isolamento social as pessoas começaram a se comunicar mais por meios digitais e investiram em aparelhos mais avançados e com uma qualidade melhor. Utilizando-se o único meio de comunicação que no momento estava sendo útil, necessário e autorizado para ser usado: a internet.

Nas áreas mais remotas e com difícil acesso, como as comunidades quilombolas, houve a necessidade de ampliar as redes de conexão para que se continuasse tendo contato com essas populações, o que pode ter levado à melhoria da conexão à internet ou até mesmo a dados móveis, com mais qualidade e velocidade.

Segundo, Daniel Neves Silva (2016), a internet surgiu nos anos 1960 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil no fim da década de 1980, e é o maior meio de comunicação utilizado no planeta, com mais de 5 bilhões de usuários. No cenário contemporâneo, podemos afirmar que a grande maioria da população tem acesso à internet, mesmo existindo lugares mais remotos e com certas dificuldades de conexões. Segundo a pesquisa *Tecnologistas, Informações e Comunicação nos Domicílios 2023*, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.org), o acesso à internet no Brasil aumentou em 2023, quando 84% da população brasileira com 10 anos ou mais se conectou à internet, o que representa 156 milhões de pessoas, o que corresponde a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede (G1, 2023)².

Percebe-se que a pandemia do COVID-19 teve um impacto significativo e intensificou o uso das tecnologias digitais. Notoriamente, a grande maioria já está tendo acesso a tais tecnologias, seja via wi-fi, dados móveis ou até mesmo pela internet via rádio, que funciona através de antenas comuns na zona rural. Observando os dados citados, podemos verificar o aumento do consumo da internet e das

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/aceso-a-internet-cresce-no-brasil-echega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em 23 de maio de 20

tecnologias de conexão durante a pandemia. Com a presença da fibra óptica, o acesso à internet se tornou ainda mais relevante. Contudo, há de se considerar que 47 milhões de pessoas continuam sem acesso, pessoas que estão sofrendo com a exclusão infocomunicacional, que pode ser explicada a partir do conceito de brecha digital. Em linhas gerais, boa parte da população conectada também não tem acesso de qualidade ou sofre descontinuidade da conexão.

No viés da pandemia e em tempos de crises de uma forma geral, a comunicação é crucial em todos os sentidos, necessitando de um acordo entre todos os setores da sociedade para falar a mesma língua e lidar com essa travessia com menor risco possível. "A desconexão na pandemia foi mais um fator que ampliou as desigualdades enfrentadas por determinados grupos étnico-raciais". (Caetano; Cardoso; Lopes; 2022, p. 33).

De acordo com Manuel Castells (1999), a construção da sociedade da informação é um processo que vem sendo estudado e olhado pelas instituições nacionais e internacionais com especial detalhe, devido às implicações sociais, econômicas, culturais e legais. Essas questões foram levantadas com base no material que cotidianamente foi adotado, especialmente na forma como os indivíduos passaram a exercer suas funções e tarefas mais relevantes no meio da informação. Dessa forma, as tecnologias da informação e da comunicação vieram com o intuito de substituir muitos meios de mecanismos que atualmente intermediam as relações pessoais e interpessoais.

2.2 COMUNIDADE E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Comunidade é considerado todo conjunto de pessoas que organizam, buscam os mesmos direitos e se interessam pelo mesmo projeto. Segundo Bauman (2003), comunidade está relacionada com o modo de organização social dos indivíduos e o seu funcionamento.

Para Raquel Paiva (2003, p.08), "comunidade não é um simples conceito sociológico, descritivo de uma forma de estruturação social classicamente oposta à sociedade, mas significação (ideia, imagem) mobilizadora de mudança social." Nesse caso, comunidade é muito mais do que se pode imaginar e dizer, são as relações mais conectadas e próximas dos indivíduos que fazem parte, fazendo com que tenham essa aproximação dentro dela e o diferenciamento da sociedade fora, além de levar em direção à mobilização que busca a transformação. Logo, como mencionado no início da seção anterior e ratificado nesta proposição acima, há uma simbiose entre comunicação e comunidade com vistas à transformação.

Com isso, segundo Raquel Paiva (2003, p.03), comunidade

é a metáfora que parece adequada para a construção de uma forma para o laço social. Desse modo, comunidade é, então, permitir ao indivíduo e aos seus grupos a abertura para estender criativamente novas pontes sobre a dissociação humana.

Os quilombos são uma forma de organização social na sociedade atual, mas que remetem a um formato colonial, criado a partir da necessidade em comum de povos da mesma etnia em um contexto de crise humana. São comunidades tradicionais formadas por descendentes de escravizados que se refugiaram em áreas rurais para escapar da escravidão. Carregam com si uma história de muita resiliência e resistência que perpetua há séculos.

Na conceituação legal, povos quilombolas “[...] ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Inciso I Art. 3º Decreto 6.040 / 2007).

As comunidades, principalmente quilombolas, enfrentam desafios significativos politicamente, sendo a falta de recursos realizados pelo mercado contemporâneo uma delas. Como citado por Raquel Paiva (2003, p. 04) “comunidade é palavra posta no centro da nova forma da questão social e acaba que aparece extremamente bipolarizada em várias classes sociais.”

Para enfrentar esses problemas, a comunicação comunitária é uma alternativa aliada de mobilização de circulação de informação de valor entre as pessoas dessas comunidades. A comunicação comunitária, segundo o Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, está a um passo em direção à democratização dos veículos de comunicação no Brasil. Dessa forma, isso vai sendo alcançado e as pessoas passam a conseguir cada vez mais fazer o enfrentamento social e político, principalmente em localidades marginalizadas, onde moradores têm difícil acesso à informação.

Segundo Peruzzo (2008, p.1),

A comunicação popular e comunitária se caracteriza como um processo que emerge da ação dos próprios grupos populares como uma expressão de segmentos empobrecidos da população, mas no processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social.

Com isso, a comunicação comunitária visa justamente dar uma certa qualidade e confiança aos povos esquecidos nas suas relações interativas, comunicacionais e dialógicas e na sua relação com outras comunidades e com toda a sociedade, buscando sempre a igualdade nos benefícios sociais para todos.

2.3 COMUNICAÇÃO NOS QUILOMBOS

A comunicação sempre foi uma aliada das populações negras na luta por direitos. Antes mesmo da abolição formal da escravatura (1888) já circulavam os jornais abolicionistas. Foi por meio também de formas rudimentares e instintivas de comunicação comunitária que se organizaram e se estabeleceram melhor grupos marginalizados, como os quilombolas.

Os processos de mediação da informação auxiliam no desenvolvimento e emancipação das populações quilombolas. Apontam a emergência de sujeitos, que fazem uso da informação para intervir socialmente, resistir e exercer sua cidadania, dentro e fora das comunidades. (Caetano; Cardoso; Lopes; 2022, p. 30).

Para Pasti (2021), a noção de território é essencial para compreender a ideia de comunicação do local. De tal sorte que os povos quilombolas estão inseridos em lugares menos favorecidos em relação à comunicação.

Ao se analisar que uma grande parte das populações rurais quilombolas se encontram em áreas desprovidas de conexão com a internet – meio pelo qual a divulgação de ações por parte das organizações quilombolas são divulgadas –, percebe-se a exclusão parcial de parte desse grupo ao acesso a informação. O que acarreta no aumento da vulnerabilidade de comunidades inteiras. (Caetano; Cardoso; Lopes; 2022, p. 35).

É essencial ter a noção de que a pandemia da covid-19 provocou mais rupturas do que conexões. Os bolsões de exclusão infocomunicacional ficaram ainda mais evidentes na crise provocada pela pandemia, situação na qual a informação era a principal forma de enfrentamento ao problema.

Contudo, houve também uma disrupção com paradigmas anteriores de comunicação. Nas comunidades quilombolas, de povos marcados pelo estigma do isolamento histórico, houve o recrudescimento do modelo de vida anterior desses povos, demarcado pelo isolamento. Entretanto,

Neste cenário, o WhatsApp aparece como elo entre organizações e comunidades. Destacam-se as estratégias de aproximação e a identificação da figura dos mediadores (donos dos celulares) no repasse das informações a população nos territórios quilombolas. (Caetano; Cardoso; Lopes; 2022, p. 28).

Conforme veremos adiante no nosso objeto de estudo, plataformas como o Whatsapp se tornaram os elos entre estes povos e outras organizações e os proprietários de dispositivos atuaram em prol do interesse comunitário coletivo.

Retomando o debate de Pasti (2021) sobre território e comunicação, tem-se a teoria dos círculos de informação ascendentes e descendentes. Os descendentes são caracterizados pela introdução vertical de informações globais por meio da grande mídia dentro das comunidades. Os ascendentes são aqueles que se referem mais especificamente sobre a comunidade, aos dinamismos do lugar. Isto pode ser considerado quando pensamos na ideia de glocalidade (Marques de Melo, 2011) e de potencialização da comunidade para fora.

A comunicação nas comunidades quilombolas tem um papel importante e significativo, sobretudo para contribuir nas divulgações de seus trabalhos produtivos e para melhorar a qualidade da sua renda, visto que muitos dependem da comercialização de produtos. Para Almeida (2012, p.185) a internet tem um papel estratégico dentro das comunidades quilombolas, porque contribui com o aprimorar dos canais de comunicação. Nesse caso, a comunicação em locais remanescentes de quilombos tem o poder de destacar e divulgar seus produtos manuais para aqueles que não costumam frequentar ou que não têm ciência da magnitude que as comunidades são.

Ainda, segundo Almeida (2012, p.190), a comunicação exerce outro papel importante para o desenvolvimento das comunidades quilombolas, que dependem da permanência do sujeito na comunidade, como por exemplo os jovens, que de certa forma são os que mais utilizam os meios de comunicação. Portanto, a possibilidade de contato com os diferentes meios de comunicação nas comunidades pode contribuir com a permanência desses jovens em suas localidades, evitando o deslocamento para zona urbana.

A comunicação em localidades quilombolas tem as suas limitações e dificuldades, mas com o passar dos dias só vem se aprimorando e crescendo. Nota-se que os avanços tecnológicos dos meios de comunicação possibilitaram um ambiente de conexão e intercâmbio entre os diferentes povos. Podemos então dizer que é necessário um olhar mais centralizado nas questões mais locais e regionais, para que assim possa ter uma certa discussão sobre as pequenas unidades sociais, denominadas de comunidades.

Se pensarmos num dos maiores símbolos da comunicação comunitária, que são as rádios comunitárias, veremos que este fenômeno quase não se aplica às comunidades quilombolas. Segundo Grijó (2016, p.7) “as experiências de rádio comunitárias nas comunidades quilombolas ainda são escassas, sobretudo por se tratar de um fenômeno recente.” Na Paraíba, a Rádio Mituaçu foi fundada no ano de 2012, sendo então a primeira rádio comunitária de comunidade quilombola no estado. A mesma está localizada no sítio Mituaçu, que é considerada uma área quilombola, na cidade litorânea do Conde, um exemplo bem sucedido de ferramenta de valorização cultural. Em João Pessoa, também existe a rádio Zumbi de Palmares, que funciona pela internet, e transmite conteúdo relacionado às comunidades.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, utilizando observação direta natural, de acordo com Maria Marly Oliveira (2007). Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, além de um questionário, coletando relatos, informações e dados para o presente trabalho.

Os entrevistados e pessoas consultadas relataram pontos de grande importância dos moradores e das pessoas que convivem no quilombo. Foi feito o total

de 5 entrevistas, sendo quatro para o questionário³ e uma sobre a história da comunidade Quilombola Grilo (PB). As entrevistadas foram todas mulheres moradoras da comunidade mostrando, então, a força da liderança feminina nos quilombos, com faixa etária de 30 anos a 63 anos.

Leonilda Coelho dos Santos Tenório foi a entrevistada sobre a comunidade, ela que é uma líder e pessoa mais experiente sobre o assunto. Gracilene Graciliano dos Santos Tenório, Hosana Tenório dos Santos e Alinne dos Santos Tenório responderam ao questionário, devido a disponibilidade e ao uso constante da comunicação via aparelhos e internet.

Há uma particularidade referente à aproximação da autora deste trabalho com o objeto de estudo. A comunidade Quilombola Grilo fica localizada na cidade Riachão do Bacamarte, na Paraíba, local de residência da pesquisadora. Apesar disso, não se trata de uma pesquisa-ação.

Cumprir informar que a pesquisadora atuava em uma empresa de provedor de internet na cidade. Ao conhecer a realidade do Quilombo Grilo, foi informada de que a comunidade só dispunha de um provedor de internet pela distância e topografia do local. A autora deste trabalho buscou em 2021 viabilizar a instalação de um novo provedor na comunidade Grilo, sendo atendida pela sua empresa. Para isto, precisou mobilizar a comunidade para garantir o interesse de pelo menos dez consumidores. Feito isto, o provedor foi instalado, o que melhorou a qualidade da conexão da internet no Quilombo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 QUILOMBO GRILO

De acordo com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a comunidade Quilombola Grilo fica localizada na cidade de Riachão do Bacamarte, na Paraíba, e tem mais de 110 famílias (INCRA, 2021) e um total de 279 pessoas (Censo, 2022), atualizado em 21.09.2023. Existente, segundo a senhora Leonilda Coelho Tenório dos Santos (Paquinha), há mais de 80 anos. Como forma de tratar os sujeitos como eles se reconhecem, vamos tratar as entrevistadas pela maneira como elas se identificam neste trabalho, em que pese se tratar de um trabalho acadêmico.

Conforme Paquinha, atualmente a comunidade tem mais de 300 pessoas habitando no local. Paquinha nasceu, cresceu e vive até hoje na mesma comunidade, tem 63 anos de vida e história construída no local. Ela relatou que participou de episódios importantes na comunidade como a quebra das pedras de um morro décadas atrás, facilitando a passagem de animais de carga, como burros, para ajudar a comunidade a superar o isolamento.

³ Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1Rigm32lbf0G0dBs-kh5deEeZnJANLFErqqCIn_7561U/edit>

Em seu relato, ela contou que ao participarem de uma romaria no ano 2000, os moradores do quilombo Grilo conheceram o Padre Luiz, que era coordenador do CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), e através dele no ano de 2003, a terra passou a ser finalmente legalizada como comunidade quilombola Grilo, e automaticamente começou a receber recursos e verbas, conforme a legislação prevê. Desde então, Padre Luiz mantém seu contato e continua buscando melhorias e ajudando com envio de cestas básicas, contribuições como a compra de aparelhos eletrodomésticos e ajuda financeira quando há necessidade. Na verdade, o fato que Paquinha atribui ao Padre Luiz, foi a instituição do Decreto-Lei 4.887/2003 publicado em 20 de novembro de 2003, que reconheceu todas as terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas dos territórios brasileiros, como Quilombolas. Antes de ser reconhecido e legalizado, o Grilo era reconhecido como Serra Rajada, distrito que fica um pouco antes da comunidade, que pertence ao mesmo município.

Ainda segundo Paquinha, a origem do nome do local se dá devido ao fato de que a comunidade sempre sofreu com a falta de água e, por esta razão, tinha uma cacimba (poço de água) localizada abaixo da comunidade. Nos finais de tarde os moradores se reuniam para buscar água. Sendo que, ao chegarem no local, se deparam com muitos grilos e, por isso, batizaram o local com o nome Grilo.

Segundo Paquinha, as primeiras famílias a habitarem nesse local foram pessoas escravizados que no período da escravidão fugiam dos engenhos de cana-de-açúcar, procurando um melhor lugar para habitar e ser tratado com igualdade. Após isso, foram chegando as famílias Coelho, Graciliano, Tenório e Santos, e atualmente estão cada vez mais crescendo.

Ela também contou que a comunidade tem algumas tradições como a capoeira, ciranda, a panela de barro, o labirinto e o plantio. Hoje cada um vive do seu próprio sustento e individualmente busca seus recursos financeiros para sobreviver, mas a comunidade possui um caixa de arrecadação que ajuda as pessoas quando estão necessitadas em alguma situação como doença, alimentação, estudo e transporte. Ou seja, eis aqui um elo comunitário.

A senhora Paquinha relatou que foi a primeira pessoa da comunidade a ter acesso ao celular no ano de 2001, conhecido popularmente como o telefone “tijolão”. “A primeira que comprou foi eu [sic], um Motorola tijolão. Sempre trabalhei e guardava dinheiro. Quando comprei o mundo acabou, todos perguntando como comprei e após isso todos começaram a comprar.” A mesma ainda relatou que todos usavam o mesmo aparelho, dividindo o objeto, e que foi uma grande novidade para todos no momento.

No ano de 2000, segundo ela, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) doou um computador para ficar a serviço de todo o povo que ali habita. Hoje a comunidade tem acesso a três computadores que ficam na associação dos trabalhadores Quilombolas (Grilo), localizado no próprio Quilombo, lugar onde fica aberto para uso inclusivo dos moradores e para visitação e dormida de visitantes se houver necessidade.

Paquinha também relatou que a sua casa foi a primeira a receber a conexão à internet devido a necessidade de seus filhos estudarem. Após o seu incentivo, outras pessoas começaram a se interessar e adquirirem. Paquinha historicizou ainda que na década passada, boa parte do fluxo comunicacional com os territórios externos acontecia por meio de cartas ou via telefone através de um telefone de uso público (orelhão).

A entrevistada relatou que após a pandemia da COVID-19, todos começaram a ter acesso à internet e aparelhos tecnológicos. Estando, a comunidade, passando por esses avanços e modificações depois do período do isolamento social.

Segundo ela, durante a pandemia os aparelhos celulares ajudaram para a divulgação e a comunicação interpessoal para realizar suas vendas e entregas. A mesma tem uma horta e costuma fornecer 24 cestas com todo tipo de verduras, para prédios em João Pessoa, capital da Paraíba. São verduras sem agrotóxicos e qualquer tipo de química. Através da comunicação via celular, ela se comunicava com o Padre Luiz, preparava as cestas e marcava para que o transporte pudesse realizar a coleta na comunidade com todos os cuidados necessários. "Através do celular se [sic] comunicamos com pessoas para realizar a venda e entrega dos nossos produtos" (Leonilda, 2024).

Os dados levantados por meio do questionário indicaram que todas as pessoas entrevistadas apontaram o Whatsapp como a rede social mais utilizada e o celular como o dispositivo mais usado. As entrevistadas também relataram que a comunicação tem melhorado desde a pandemia, uma vez que as redes de conexão de internet têm melhorado suas infraestruturas.

Hosana Tenório tem acesso domiciliar à internet há 8 anos. Gracilene dos Santos utilizava a rede de vizinhos e, apenas na pandemia, obteve sua própria rede de wi-fi em casa. Alinne Tenório também já dispunha de internet em casa, mas não especificou há quanto tempo. A média geral é de 5 anos, ou seja, pouco antes da pandemia em diante.

Apenas uma das entrevistadas relatou ter sentido dificuldade para se comunicar durante a pandemia. As outras três não mencionaram dificuldades, ou seja, três quartos disseram não ter problemas para se comunicarem no período. Mas 100% responderam que utilizaram a internet para se comunicar com pessoas fora da comunidade quilombola no período mencionado.

Após relatos e entrevistas com moradores da comunidade Quilombola Grilo, observamos que antes da pandemia da Covid-19 só existia um único provedor de internet que abastecia conexão na comunidade, que foi fornecido através de um incentivo da moradora e uma das líderes Leonilda (Paquinha).

Antes de acontecer o isolamento social, as pessoas da comunidade se comunicavam quase exclusivamente pelo contato direto, mas ao chegar o momento de se resguardar e do afastamento, houve a necessidade de instalar um provedor de internet, que foi fundamental para aquele momento. Jovens e crianças que antes não tinham acesso a aparelhos celulares, começaram a ter devido ao ensino remoto das escolas, promovendo mais um passo para a inclusão digital. E, com recurso próprio,

adquiriram seus aparelhos e conexão para que assim conseguissem ter acesso às aulas.

Em 2021 a comunidade passou a ter um segundo provedor. Ao chegar o novo provedor, as pessoas foram fazendo testes e mudando para ter uma nova experiência. Essas transformações foram ajudando a fazer com que a comunidade fosse se conectando com outras redes, de pesquisadores, de outras comunidades, de outros núcleos. Um dos frutos desse processo pós-pandêmico é a organização para implantação de museu na comunidade, com vistas à possibilidade de atração de turistas para o quilombo.

Contudo, ainda há relatos de dificuldades. Se no ano 200 a UFCG doou um computador para a comunidade, hoje não há mais dispositivos como este disponíveis na associação local. Conforme diz Verônica Graciliano. “Pra melhorar mais na associação da comunidade possamos ter computador pra atender as necessidades das pessoas porque nem todos têm acesso pra fazer algum trabalho, [...] pesquisar algo onde uma tela maior é bem melhor”.

4.2 TRANSFORMAÇÕES DA COMUNIDADE

A pandemia foi um momento delicado, de isolamento e de se resguardar. E na comunidade Grilo não foi diferente. Segundo relatos, ela fez a comunicação maior e com melhor desenvolvimento e qualidade. Teve um resultado positivo na sua comunicação local e interpessoal, fazendo com que as pessoas pudessem adquirir com uma certa necessidade um aparelho celular para ter de forma individual seu meio de comunicação.

Atualmente, na Associação (Associação dos Trabalhadores Quilombolas) há três computadores para uso de todos que precisarem para fazer trabalhos, atividades ou pesquisas de vários tipos. Todos os adultos e adolescentes hoje possuem um aparelho celular e internet em sua residência para realizar suas divulgações, estudos e se comunicar com famílias, amigos e parentes.

A COVID-19 foi marcada por um momento de dificuldade, desafios e cuidados, mas foi um momento de grande evolução e desenvolvimento, principalmente nos meios de comunicações e aparelhos tecnológicos.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho fez a análise da comunicação antes e depois da pandemia na comunidade Quilombola Grilo, buscando suas melhorias e aspectos positivos. O tema escolhido pela autora foi justamente para divulgar e incentivar as outras comunidades a terem uma comunicação com uma qualidade maior e inovadora, em seus meios digitais e aparelhos tecnológicos.

Foram utilizadas entrevistas e questionários pela autora do trabalho com os moradores da comunidade Quilombola Grilo para adquirir informações e relatos sobre a história e comunicação da comunidade, antes, durante e após a pandemia da COVID-19.

A pesquisa teve como objetivo inicial, atingido satisfatoriamente, avaliar sobre como as comunidades quilombolas, mais especificamente a comunidade quilombola Grilo - PB, fazem a comunicação dentro e como lida com ela para fora.

Como resultado, tivemos uma historicização sobre a comunidade e a forma como ela tem transformado o modo de se comunicar, além de um registro importante sobre os atores que estão neste espaço, notadamente mulheres chefes de família que vivem na comunidade em coletividade e lançam mão sobre formas de comunicação comunitária no estabelecimento do vínculo social. É também um apanhado sobre a inserção da internet na comunidade, demarcando as implicações da expansão do uso da internet nesta sociedade quilombola.

Através desse trabalho podemos avaliar e analisar as dificuldades, melhorias e desafios que uma comunidade Quilombola passa para poder ter igualdade como na zona urbana. Embora sua localidade seja de difícil acesso, não se pode desistir de buscar sempre o melhor. A autora teve uma grande experiência em participar de uma das suas transformações, como a entrega de mais um provedor de internet para que os mesmos pudessem ter uma segunda opção de conexão. Este, era um desejo que ardia em seu coração após relatos de sofrimento com o seu atual provedor.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAETANO, L., CARDOSO, J.; LOPES, I. **Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia**. *Mídia E Cotidiano*, 16(3), 28-48, 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma "analítica" da midiatização**. *Revista Matrizes*, v. 1, p. 89-105, 2007.

MELO, José Marques de. **Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet [online]**. Campina Grande: Latus, 2011. 108 p.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum – comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2003, 2a. edição.

PASTI, André Buonani. **Comunicação e território: fundamentos conceituais a partir da Teoria Crítica do Espaço**. Goiás, v.13, n.1, e1312402, jan/dez. 2024.

PERUZZO apud cit Cecília Maria Krohling Peruzzo. **COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNIDADES QUILOMBOLAS**. *Revista da ABPN*. v. 11, n.29, jun/ago 2019, p.214-230.

ALMEIDA apud cit Cecília Maria Krohling Peruzzo. **COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNIDADES QUILOMBOLAS**. *Revista da ABPN*. v. 11, n.29, jun/ago 2019, p.214-230

7 ANEXOS

Fotos da Comunidade Quilombola Grilo, de Riachão do Bacamarte-PB



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)



Foto: Elaboração da Autora (2024)